



Artigo de Opinião

**AS MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO DAS FUNÇÕES LOGÍSTICAS NO
EXÉRCITO BRASILEIRO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A BASE
LOGÍSTICA DE BRIGADA (BLB)**

MAJ Int Vinícius Costa

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

2019

A Logística tem papel fundamental para o sucesso das operações militares. A organização da logística vigente na situação de normalidade deve aproximar-se o máximo possível daquela para apoio às operações. Assim, as Organizações Militares Logísticas (OM Log) são organizadas de modo compacto, com estruturas modulares, assentadas no amplo uso de tecnologias, na otimização de processos e na capacitação continuada do capital humano.

Com esse entendimento, o Batalhão Logístico (B Log) é a unidade de apoio logístico no nível tático que utiliza-se do desdobramento no terreno da Base Logística de Brigada (BLB). Esta base é, portanto, a área onde são desdobrados os meios orgânicos de um B Log e outros recursos específicos necessários ao apoio a uma Grande Unidade (GU). Sua organização é modular e fundamentada em meios dotados de mobilidade tática, de modo a possibilitar o apoio logístico às operações e assegurar certo grau de autonomia à força apoiada.

Função Logística é definida como a reunião, sob uma única designação, de um conjunto de atividades logísticas afins, correlatas ou de mesma natureza. Divide-se em: suprimento, manutenção, transporte, engenharia, recursos humanos, saúde e salvamento.

A execução das atividades relativas às diversas funções logísticas é garantida por meio da disponibilidade de informações logísticas em tempo real, com emprego de ferramentas para apoiar a tomada de decisão. Tais recursos permitem antecipar as necessidades dos elementos apoiados com oportunidade e precisão.

O adequado apoio logístico às operações é alcançado por meio do emprego oportuno, balanceado e sincronizado dos recursos (materiais e humanos) em função do ambiente operacional, da manobra e do valor e natureza da força a apoiar. O objetivo é evitar que se produzam carências significativas ou excesso de meios junto aos elementos apoiados.

Nesse contexto, buscando otimizar o apoio logístico, o Exército Brasileiro tem apresentado, nos últimos anos, mudanças significativas na concepção das funções logísticas, passando a aplicar de maneira diferente os conceitos doutrinários de emprego de seus meios logísticos. Tal afirmação baseia-se nas alterações verificadas em seus mais recentes manuais.

O Manual de Campanha C 100-10 – Logística Militar Terrestre teve sua 1ª edição publicada no ano de 1993 e a 2ª edição em 2003. Em 2014, o Manual de Campanha EB20-MC-10.204 - Logística revogou o C 100-10 e já esboçou consideráveis mudanças conceituais na concepção das funções logísticas em combate, as quais foram ainda mais acentuadas com a Nota de Coordenação Doutrinária (NCD) 001/2015 – DECEX – A Logística nas Operações, e mais recentemente com o manual EB70-MC-10.238 – Logística Militar Terrestre, lançado em 2018.

No que se refere à **Função Logística Suprimento**, as principais mudanças ocorreram no processo de distribuição. A distribuição é a última fase do ciclo logístico e consiste em fazer chegar aos usuários, no local previsto, oportuna e efetivamente, todos os recursos levantados durante a fase de determinação das necessidades.

A distribuição contribui para a capacidade de durar na ação, sincronizando todos os elementos da cadeia de suprimento, de modo a fazer chegar às organizações ou força operativa os recursos certos, na quantidade, momento e local em que sejam necessários, utilizando os meios de transporte adequados.

De acordo com o manual C 100-10, os processos de distribuição de suprimento possíveis de serem utilizados eram os seguintes:

1. Distribuição na instalação de suprimento - É o processo em que a organização apoiada vai, com seus próprios meios de transporte, receber o suprimento na instalação de suprimento do escalão que apóia.

2. Distribuição na unidade - É o processo em que o escalão que apóia leva, com seus meios de transporte, o suprimento até a organização apoiada.

3. Distribuição por processos especiais - São processos organizados pelo escalão que apóia, com seus próprios meios, em função de necessidades específicas das operações. São os seguintes:

a) comboio especial - É um comboio organizado para distribuir suprimento em determinada região, proposta pela OM apoiada. É empregado quando a organização militar não está na direção geral das operações e realiza uma operação de pequena profundidade e, provavelmente, de pequena duração;

b) posto de suprimento móvel - Consiste em um posto de suprimento montado em viaturas, meios ferroviários ou embarcações fluviais, que se desloca por lanços, acompanhando a OM apoiada e ocupando locais por esta propostos. É empregado quando há possibilidade de interrupção das vias de transporte, em operações de grande profundidade e grande duração;

c) reserva móvel - É o processo em que a organização militar apoiada recebe um determinado número de viaturas ou embarcações fluviais com suprimento. É empregado nas operações profundas em que não há segurança nas vias de transporte. Constitui-se em uma forma de cerrar o apoio de suprimento para a OM apoiada;

(d) suprimento por via aérea - É o processo em que se utiliza o transporte aéreo para a realização do suprimento. É indicado, principalmente, em situações de transposição de obstáculos de vulto, inexistência de uma rede de estradas adequadas para suportar a tonelagem necessária, isolamento de tropas amigas, principalmente por ação do inimigo e urgência na realização do suprimento.

Ainda conforme o Manual C 100-10, os seguintes princípios deveriam ser obedecidos por ocasião da distribuição de suprimentos (dentre outros): o sistema de distribuição deve ser flexível, funcionando segundo normas adaptáveis às diferentes situações; e a localização do suprimento deve permitir a redução no tempo de distribuição. Discorria ainda este manual, no sentido de que a natureza, a profundidade e a duração provável da operação, a segurança das vias de transporte, a disponibilidade de meios e outros fatores operacionais e técnicos determinam o processo a ser empregado na distribuição do suprimento.

Dessa forma, o manual C 100-10 considerava claramente o processo de distribuição na instalação não só como sendo possível, mas bastante provável de ser utilizado na BLB. Em momento algum o trata como um tipo de distribuição alternativo ou excepcional. No momento em que esse manual destacava que as normas devem ser adaptáveis às diferentes situações e que a localização do suprimento deve permitir a redução no tempo de distribuição, sinaliza a possibilidade latente de se usar o processo de distribuição na instalação.

Posteriormente, tanto a NCD 001/2015 quanto o Manual EB70-MC-10.238, enaltecem o conceito de que a distribuição envolve pessoas, equipamentos, instalações, técnicas e procedimentos, destinados ao transporte, à entrega, ao recebimento, à armazenagem ou aplicação final dos itens. Passou-se a destacar que a distribuição engloba as tarefas de planejamento e coordenação do fluxo de material desde o ponto de recebimento de cada escalão até o local de consumo das forças apoiadas, já sinalizando, desde a parte conceitual, que o processo de distribuição na unidade seria priorizado ao máximo.

De acordo com o Manual EB70-MC-10.238, na BLB será comum o uso de dois processos de distribuição: na unidade e por processos especiais. O processo de distribuição na instalação de suprimento será utilizado excepcionalmente, quando a situação tática exigir, de modo a não onerar a organização apoiada com encargos logísticos de transporte até posições à retaguarda de sua zona de ação. Já os processos especiais de suprimento serão largamente utilizados em Operações de movimento, quando se deve ter especial atenção com a possibilidade de interrupção do fluxo de suprimento.

Ainda conforme esse Manual de Campanha (EB70-MC-10.238), a Distribuição na Unidade é o processo em que o escalão que apoia leva o suprimento até a organização apoiada com seus meios de transporte, da retaguarda para os pontos mais à frente da zona de ação. As cargas destinadas aos consumidores finais são customizadas, evitando-se manipulação por órgãos intermediários ao longo da cadeia.

Portanto, percebe-se que o EB70-MC-10.238, comparado ao C 100-10, denota uma preocupação muito maior com o processo de distribuição, no sentido de foco na qualidade dos fluxos de suprimento, em detrimento da facilidade de logística ou redução de tempo. Para a BLB, os encargos de transporte certamente aumentaram, porém a logística interna ficou menos sobrecarregada, tendo diminuído o fluxo e o loteamento de suprimentos na área da BLB que antes era voltada para o processo de distribuição na instalação.

Para que isso seja possível, esta nova concepção logística passou a se basear no fato de que o processo a ser empregado na distribuição do suprimento decorre, particularmente, da avaliação de fatores relacionados ao risco logístico admitido e ao nível de serviço necessário, aspectos até então desconsiderados pelo C 100-10.

No que diz respeito ao suprimento de materiais de classe III (combustíveis), o manual C 100-10 estabelecia que a sua distribuição deve ser feita, ao máximo, sob a forma de suprimento em grosso. Conseqüentemente, a distribuição de produtos acondicionados devia ser restrita ao essencial. Nota-se a falta de um maior detalhamento quanto ao fluxo desta classe de suprimento. Por outro lado, a NCD 001/2015 já passou a especificar com maior clareza como funcionaria a distribuição de combustíveis nas operações militares, balizando que o batalhão logístico recebe o suprimento no posto de distribuição de suprimento classe III na BLB. O escalão apoiador fornece esse material por meio de troca de viaturas cisterna ou pelo enchimento das viaturas cisterna vazias.

A NCD 001/2015 estabelece, ainda, que as viaturas e os reboques cisterna do B Log são empregados para transportar a reserva orgânica de suprimento classe III da brigada e utilizados para o estabelecimento do posto de distribuição de suprimento

classe III. As unidades da brigada e os elementos da divisão são supridos em suas Áreas de Trens e Estacionamento / Área de Trens (ATE/AT). Esse suprimento se faz pela troca de viaturas cisterna ou pelo enchimento das mesmas. Nas unidades e nas subunidades é adotado o processo de troca de camburões (de 20 litros) e/ou de tambores (de 200 litros) nos respectivos postos de distribuição. Em síntese, pela nova concepção, a distribuição dessa classe de suprimento se faz na OM, cabendo ao B Log ou ao escalão apoiador a distribuição do suprimento necessário, aumentando as atribuições da BLB em combate, mas contribuindo positiva e decisivamente com a manobra dos elementos apoiados.

Em se tratando do suprimento classe V (munição), estabelecia o C 100-10 os seguintes conceitos:

- 1) Pedido para consumo imediato - É o pedido para a munição que será consumida nas 24 horas após o recebimento pela OM na instalação de suprimento.
- 2) Ordem de Transporte - É o documento que autoriza as organizações militares a receber a munição que necessitam nas instalações que as apoiam. O documento é visado pelo oficial de munições do escalão considerado ou por outro elemento para isso designado.

Acrescentava aquele manual que as OM recebem a munição que necessitam nas instalações que as apoiam. A munição era fornecida mediante a apresentação de uma ordem de transporte que especifica o pedido para recompletamento da dotação orgânica ou para consumo imediato. A distribuição do suprimento classe V, de um modo geral, baseava-se no recompletamento das dotações orgânicas, à medida que estas iam sendo consumidas.

Com o advento das novas concepções das funções logísticas, a munição para consumo imediato (a que será consumida nas vinte e quatro horas após o recebimento pela OM), passou a ser recebida mesmo quando a dotação orgânica estiver completa. Pela nova doutrina iniciada pela NCD 001/2015, a dotação orgânica passou a ser recompletada diariamente à medida que for sendo consumida. Quando não for possível o seu recompletamento, em curto prazo, há necessidade de uma autorização expressa do comandante da brigada ou da divisão de exército para sua utilização.

A partir dos novos manuais de logística militar terrestre, a Bda/DE estima a quantidade de munição necessária para cada operação e informa ao escalão apoiador imediatamente superior, o qual de posse das estimativas das GU e da quantidade de munição colocada à sua disposição, estabelece o crédito de munição disponível para cada uma delas. Enquanto houver suprimento de classe V(munições) disponível, dentro do crédito autorizado, as OM recebem a munição que necessitam em suas ATE/AT.

Mais detalhadamente, o escalão apoiador fornece o suprimento nas instalações do B Log. Lá, o suprimento será processado para envio as unidades ou subunidades (U/SU). As U/SU independentes transportam as dotações orgânicas. As viaturas de munição do B Log, isoladas ou em comboio, vão às ATE/AT das OM da brigada e lá entregam o suprimento classe V(Mun). Essa sistemática permite, além do controle da munição que está sendo consumida, a possibilidade do estabelecimento de prioridades às OM, e a interferência, junto ao escalão superior, para obter um atendimento mais adequado às suas necessidades. Além disso, reduz-se a burocracia

(dispensa de pedidos e ordens de transporte) e aumenta-se a agilidade e poder de combate das unidades em 1º escalão, à medida em que estas não necessitam mais retornar até a BLB para serem ressupridas em munição.

A **Função Logística Transporte** foi igualmente modificada em sua concepção em operações militares do EB. Anteriormente, à luz do manual C 100-10, a distribuição dos suprimentos, especialmente de classe I e II, era atribuição do Pelotão de Suprimento e Transporte (Pel Sup Trnp), fração que fazia parte da Companhia Logística de Suprimento (Cia Log Sup) do B Log.

Com a nova doutrina, surgida a partir de 2014, foi criada, dentro do B Log, a Companhia Logística de Transporte (Cia Log Trnp). Assim, na BLB, esta atividade passou a ser conduzida pela Cia Log Trnp do B Log. Em linhas gerais, o emprego de uma fração maior para o transporte de suprimentos desafia a sobrecarga de atividades da Cia Log Sup e demonstra o reconhecimento da importância dessa atividade para o pleno cumprimento da missão da logística em combate. Por outro lado, essa mudança enseja uma grande necessidade de coordenação para evitar a quebra do fluxo de suprimento. É fundamental que a Cia Log Trnp possua, em seu quadro de organização, pessoal especializado e adestrado na Operação de Terminais de Transportes, para todos os modais, particularmente os Terrestres e os Intermodais. O sucesso das operações militares está diretamente relacionado com o funcionamento dos transportes destinados a apoiá-las. A deficiência de transportes limita a execução das operações.

A **Função Logística Saúde** também ganhou relevância a partir das novas concepções logísticas da doutrina militar terrestre. Anteriormente, nos escalões DE e Bda, o apoio de saúde era prestado pela Companhia Logística de Saúde (Cia Log Sau) do B Log. O número de escalões funcionais de saúde no Teatro de Operações Terrestres (TOT) estava condicionado aos planejamentos operacionais. Com a estrutura totalmente desdobrada, esses escalões eram em número de quatro, da frente para a retaguarda:

- (a) 1º Escalão - Serviço de Saúde de Unidade (Pelotão de Saúde)
- (b) 2º Escalão - Serviço de Saúde de Bda e DE (Cia Log Sau/B Log)
- (c) 3º Escalão - Serviço de Saúde de Ex Cmp (início da hospitalização)
- (d) 4º Escalão - Serviço de Saúde de RM/TOT (hospitalização e recuperação)

A partir da nova concepção, padronizou-se que, para a execução das tarefas afetas à Função Logística Saúde, o B Log poderá receber em reforço, para o desdobramento na BLB, frações do Batalhão de Saúde. O Batalhão de Saúde pertence à Base Logística Terrestre (BLT), é oriundo do Grupamento Logístico (Gpt Log) e é existente desde o tempo de paz. Nesse contexto, nas operações, a divisão de exército e a brigada recebem, em reforço, uma Companhia de Saúde Avançada (Cia Sau A), orgânica do B Sau, que desdobrará um Posto de Atendimento Avançado (PAA) na BLB e que permanece subordinada ao escalão superior. Esta instalação se destina à triagem, estabilização, evacuação e ao tratamento dos feridos em geral.

Nesse cenário, foram disseminados novos conceitos de evacuação médica em combate, atividade esta que é realizada em um meio especializado de saúde e sob a supervisão de pessoal especialista da área médica. Em operações de alta intensidade

poderá constituir a segunda fase de uma evacuação depois de uma evacuação de feridos, sendo a opção prevalente nas demais situações. No ambiente internacional, a evacuação de feridos e a evacuação médica correspondem, respectivamente, à Casualty Evacuation (CASEVAC) e à Medical Evacuation (MEDEVAC).

De maneira análoga, maior importância foi dada, a partir das novas concepções iniciadas em 2015, à atividade de triagem das baixas em combate e à velocidade de evacuação das mesmas. A evacuação no âmbito da brigada e da divisão de exército é realizada utilizando-se as ambulâncias do pelotão de evacuação, orgânico da companhia de saúde avançada do Batalhão de Saúde. A missão principal do pelotão de evacuação (Pel Ev) da companhia de saúde avançada é a evacuação das baixas dos postos de socorro (PS) das unidades para o Posto de Atendimento Avançado (PAA), através dos meios de transporte mais adequados (terrestres, aéreos ou fluviais), proporcionando assistência médica contínua durante toda a evacuação. Já a triagem se processa em todos os elos da cadeia de evacuação. No PAA os pacientes são recebidos, submetidos à triagem, recebem socorro de emergência ou são submetidos à cirurgia de controle de danos. Conforme o caso, os feridos são preparados para posterior evacuação à outra instalação de saúde do escalão superior ou retornam às suas unidades.

Conscientiza-se, hoje, que a efetividade do apoio de saúde baseia-se na correta triagem das baixas, no tratamento precoce e na rapidez da evacuação médica. Esta última é obtida mais pelo emprego adequado dos recursos de evacuação do que pela proximidade das instalações de saúde avançadas desdobradas. Desta forma, a cadeia de evacuação médica inclui meios aéreos (asa fixa e rotativa), terrestres e fluviais que possuam capacidade para a pronta remoção das baixas.

Percebe-se que a decisão de retirar esse encargo da Cia Sau do B Log, passando-o ao B Sau, torna o apoio de saúde em operações muito mais especializado e efetivo, uma vez que este Batalhão reúne condições mais apropriadas de atendimento, bem como maior capacidade de diagnóstico, medicina curativa e evacuação de baixas, o que aumenta o poder de combate da Força Terrestre.